

**Parresía e cuidado de si:
Perspectivas sobre *A Coragem da Verdade* de Michel Foucault**

TULIPA MARTINS MEIRELES¹; CLADEMIR ARALDI²

¹Universidade Federal de Pelotas – tulipameireles@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – clademir.araldi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho emerge da busca pela associação entre, uma linha de pensamento socrático e o pensamento que marca o movimento cínico na Antiguidade, por meio da figura de Diógenes de Sinope. Vemos essa associação se desenvolver ao longo do último curso ministrado por Michel Foucault no Collège de France, *A Coragem da verdade: O governo de si e dos outros* 2. Nesse curso a noção de *parresía*, enquanto coragem de um dizer verdadeiro, junto ao princípio do cuidado de si, estabelecem uma ligação que vem se figurar pela última vez no filósofo cínico. A via do pensamento socrático privilegiada por Foucault em 1984, introduz o *Laques* como diálogo platônico por excelência e com ele a noção de *bíos*, vida, enquanto objeto de cuidado dos homens. Na aula 15 de fevereiro de 1984 Foucault, a respeito das últimas palavras de Sócrates, apresenta uma via positiva de interpretação através de um texto de Dumézil¹. Com essa interpretação vemos que para Sócrates a vida sensível não pode ser considerada em si mesmo um doença, mas que é necessário ter cuidado com a vida. Nesse sentido pensamos que é necessário o cuidado, a *epiméleia*, para a transformação e a busca pela verdade sobre si mesmo. A verdade de si é escancarada de forma escandalosa com o movimento cínico da Antiguidade. Esse aspecto da Coragem da verdade enfatizado por Foucault a partir do personagem do cão cínico, propõe uma bifurcação no que poderíamos chamar de uma “história da estética da existência”, que em 1984 aponta para estilísticas de vida, mais do que para uma metafísica da alma, e é tal concepção que gostaríamos de ressaltar.

Buscamos, portanto, apresentar alguns aspectos da interação entre *parresía* e cuidado de si no curso *A Coragem da verdade* (1984), tendo como principal objeto de análise o texto que contem a segunda hora da aula 15 de fevereiro de 1984, com o objetivo de direcionar o objeto de cuidado dos homens a uma missão, ou convocação de si mesmo à prática de si com os outros e com o mundo, a fim de estabelecer relações outras em um mundo radicalmente outro. Dessa forma, em princípio apresentaremos a noção de *parresía* no centro da problemática geral do último curso de Michel Foucault, assim como a atenção direcionada a ela por Foucault nesse último curso. O cuidado de si é um elemento que permeia os últimos escritos do autor desde o segundo volume da *História da Sexualidade*², e nesse contexto, aliado a *parresía* cínica constituem-se por uma *askésis*, por um conjunto de práticas e exercícios sobre si mesmo, uma maneira de ser que indaga a constitucionalização intrínseca do poder, afim de estabelecer

¹ George Dumézil, foi um filólogo francês, reconhecido principalmente por seus escritos sobre a mitologia, viveu no século XX, contemporâneo, portanto, de Foucault. Pouco conhecido, segundo ressalta o autor, por este escrito sobre Platão em *O monge negro*. E é precisamente essa parte da obra o objeto de Foucault.

² O uso dos prazeres, 1984.

outras relações com a verdade, ou melhor, com as “verdades” as quais é necessário estar munido.

2. METODOLOGIA

A metodologia empregada no desenvolvimento do trabalho foi unicamente de cunho bibliográfico. A principal obra investigada foi o último curso ministrado por Michel Foucault no Collège de France, *A Coragem da Verdade: O governo de si e dos outros* 2. Assim como textos de comentadores importantes que se acrescentam a bibliografia, como Clademir Araldi, César Candiotto e Ernani Chaves.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao adentrarmos na obra *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros* 2, último curso ministrado por Foucault no Collège de France, temos em vista os deslocamentos propostos pelo autor no último eixo de sua obra, dedicado a ética³ do cuidado e da prática de si. Neste período, compreendido pelos escritos da década de oitenta, não se trata mais de estabelecer uma análise em termos de verdade, poder e sujeito, Foucault fala em termos de veridicção, formas de governamentalidade e técnicas de subjetivação. Estes estudos voltam-se para a problematização do sujeito em sua relação com a verdade no campo do governo dos homens. O ocidente sempre esteve preocupado com o cuidado de si na medida em que este implica o acesso a verdade, verdade esta que não está simplesmente na ordem do “dizer-a-verdade”, mas antes, do dizer a verdade sobre si mesmo, como uma obrigação – essa constatação podemos observar a partir dos estudos de Foucault sobre a confissão e as tecnologias de si em certas comunidades monásticas. Contudo, o que deve ser ressaltado aqui é o estatuto de sujeito, que Foucault definiu como sujeitado a outro, por meio da obediência⁴. Quando Foucault retorna a Antiguidade percebe uma relação entre sujeito e

³ Em *A ética do cuidado de si como prática da liberdade* (Entrevista de 1984), Foucault indaga o que seria a ética senão a prática refletida da liberdade. Para ele, a liberdade seria a condição ontológica da ética e a ética a forma refletida assumida pela liberdade. Nesse aspecto é que a ética se relaciona com o cuidado de si, para Foucault. Na Antiguidade, o cuidado de si foi o modo pelo qual a liberdade individual foi pensada como ética. Mas isso não significa que ética e cuidado de si sejam a mesma coisa, mas que na Antiguidade a ética como prática da liberdade girou em cima do preceito de que é necessário “cuidar de si mesmo”. No cristianismo, esse princípio foi considerado a exaltação do eu, uma forma de egoísmo e “amor próprio” que desvia a preocupação com os outros, que se é necessário ter. Por outro lado, na Antiguidade o tema do cuidado de si e da liberdade individual foi muito importante, na medida em que “não ser escravo” era uma questão fundamental.

⁴ Encontramos em CASTRO, 2009, p. 407-408; verbete sobre “subjetivação” no *Vocabulário de Foucault* que elucida essa questão. Para Foucault, há duas formas de constituição do sujeito: por meio de práticas de sujeição ou de liberdade, esta última seria o caso da Antiguidade. As práticas de liberdade inserem-se no âmbito da moral da Antiguidade. Foucault buscou na Antiguidade esse tipo de moral, e por quê? Para ele, não há moral sem certo número de práticas de si. Essas práticas de si podem estar associadas às estruturas da lei, dos códigos e dos sistemas coercitivos, e em todos esses sistemas, é possível que elas se dissipem em prol desse conjunto de regras, que aparece como o essencial da moral. Por outro lado, é possível que as práticas de si se constituam como o objeto da moral, o mais ativo e mais importante. E quando isso ocorre, afirma Foucault, elas assumem uma forma independente à legislação moral, que é a forma de uma arte de si. Assim, antes do cristianismo reforçar uma reflexão moral em torno dos princípios da lei e da estrutura dos códigos, houve uma filosofia na Antiguidade que ressaltou na moral as práticas de si independentes do código da lei.

verdade que não está nos termos de uma sujeição mas de uma subjetivação, e por essa noção devemos compreender “formas de atividade sobre si mesmo”, isto é, técnicas, procedimentos, exercícios nos quais o sujeito elabora a relação de si consigo mesmo e se constitui como objeto de conhecimento, que pelas práticas, permite modificar e transformar a si mesmo. Assim como Edgardo Castro afirma no verbete sobre ética: “é necessário promover novas formas de subjetividade, rechaçando o tipo de individualidade que nos impõem a séculos” (CASTRO, 2009, p. 156), e é nesse sentido que a noção de *parresía*⁵ emerge nesse curso enquanto elemento fundamental, junto com o cuidado de si. Com a introdução da noção de *parresía* nos estudos da Antiguidade, vemos uma reflexão bem diferente sobre a verdade. Se nos séculos XIX e XX a verdade aparece em sua relação com o conhecimento científico, e é nesse sentido que a verdade é perseguida, os estudos foucaultianos sobre a *parresía* parecem indicar uma outra relação – que é desenvolvida a partir da problematização da relação ética do indivíduo com a verdade. A *parresía* se insere no campo da aleturgia⁶, aquilo que Foucault chamou de “sentido amplo do conhecimento”, é um procedimento que não implica necessariamente um discurso pronunciado pela fala. O ato pelo qual o indivíduo manifesta-se enquanto alguém que diz a verdade está dissociado de uma enunciação lógica ou racional do discurso que por sua vez estaria ao lado das “estruturas epistemológicas”. Foucault as diferencia das “formas aletúrgicas”, estas últimas não estão preocupadas com o que torna um conhecimento verdadeiro, mas justamente com as transformações do sujeito em sua relação com um dizer verdadeiro. E é precisamente a *parresía* inserida no campo dessa aleturgia, no campo do ritual de manifestação da verdade, que é introduzida no curso de 1984 ao lado do cuidado de si. É um pouco dessa relação que buscamos desenvolver a partir da segunda hora da aula de 15 de fevereiro do curso *A coragem da verdade*.

4. CONCLUSÕES

De acordo com Edgardo Castro (2009, p. 92), “o tema do cuidado de si foi consagrado por Sócrates; a filosofia posterior o retomou e, na medida em que ela mesma se concebeu como uma arte da existência, a problemática do cuidado ocupou o centro de suas reflexões”. Para Foucault, a filosofia posterior a Sócrates que melhor desenvolve a questão do cuidado de si e da *parresía* como coragem do dizer verdadeiro é o movimento do cinismo antigo. De acordo com Ernani Chaves,

Mesmo que entre os estoicos possamos assegurar que há um estilo de viver definido por regras menos ou mais constantes no decorrer de sua história, e que também haja, por oposição, uma doutrina que não permanece única, em geral o que acontece é justamente o contrário, ou seja, uma metafísica da alma única e uma diversidade de estilos de vida (CHAVES, 2013, p. 34).

O cinismo, segundo Foucault, não teve o mesmo prestígio que as filosofias estoicas e epicuristas, de certa forma por não consistirem de uma doutrina sistematizada. Assim como Sócrates, os cínicos pouco ou nada escreveram, de forma que o que se sabe sobre eles é por meio de testemunhas. O modo de vida dos filósofos do cinismo é caracterizado pelo escândalo e pelo riso, escândalo,

⁵ A *parresía* é uma modalidade de verdade bastante específica da Antiguidade, portanto, não é reservada ao cinismo. Todavia, foi o cinismo seu personagem mais emblemático.

⁶ Essa noção é desenvolvida no curso de 1980, *Do Governo dos Vivos*.

portanto, de um dizer verdadeiro. Nele, o cuidado de si é elemento indispensável para a transformação do modo de viver do indivíduo pela verdade. O cuidado é o elemento para a transformação, adquirido por um árduo caminho: o caminho da *áskesis*, dos exercícios, das práticas de despojamento e resistência. Transformação, portanto, para uma vida outra. O movimento cínico alude a uma transformação no modo de viver dos indivíduos, relativo a uma transformação social. O papel do cínico é incitar os homens a “mudar o valor da moeda”, isto é, a criação de outros valores, que sejam os verdadeiros valores; novas formas de viver. Segundo Foucault, “só pode haver verdadeiro cuidado de si se os princípios formulados como princípios verdadeiros forem ao mesmo tempo garantidos e autenticados pela maneira como se vive” (FOUCAULT, 2011, p. 210).

Além disso, o cinismo ocupa um lugar importante na história da “coragem da verdade”, na cultura grega. Apresentando-se como uma filosofia preocupada com a questão da vida do filósofo enquanto uma problemática propriamente filosófica. A luta pela manifestação da verdade através do próprio modo como se vive e a contestação de uma vida supérflua e banal da sociedade em geral desperta a preocupação com os outros e com a transformação social como uma questão urgente. São esses, apenas alguns aspectos do movimento cínico que devem ser discutidos e refletidos na atualidade. Por meio deles, é possível repensar a possibilidade em transformar radicalmente os valores e atitudes dos indivíduos, por meio de uma verdade que é própria de si mesmo e por uma estilística de viver que os garantam.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIOTTO, Cesar. **A emergência do homem de desejo: sobre o curso Subjectivité et vérité, de Michel Foucault**. Veritas, Porto Alegre, v. 60, n. 2, p. 344-365. maio-agosto. 2015.
- CANDIOTTO, Cesar. **Parresía Cínica e Alteridade na perspectiva de Michel Foucault**. Dissertatio, Pelotas, v. 40, p. 215-236.
- CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CHAVES, Ernani. **Foucault e a verdade cínica**. Campinas, SP: Phi, 2013.
- DREYFUS, H. & RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Do Governo dos Vivos**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Roberto Machado (Org.). 26 ed. São Paulo: Graal, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos. v. 5**. Trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2011a.
- FOUCAULT, Michel. **A Coragem da verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2012b.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade V. 3. O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011b.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade V.2. O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.